

Mussolini é um louco: uma entrevista desconhecida de Fernando Pessoa com um antifascista italiano

José Barreto*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Ditadura Militar, Benito Mussolini, Fascismo, Giovanni B. Angioletti, Celestino Soares, *Diário Sol*, Paulo Osório, Philéas Lebesgue, António Ferro

Resumo

O autor revela um texto desconhecido de Fernando Pessoa, uma entrevista com um imaginário intelectual antifascista italiano, Giovanni B. Angioletti, alegadamente refugiado em Portugal nos anos 1920. O intelectual homónimo que por esses anos vivia realmente em Itália não corresponde à descrição feita do hipotético entrevistado. A entrevista, não assinada, foi publicada no recém-criado diário lisboeta *Sol* em Novembro de 1926, seis meses depois da instauração em Portugal de uma regime autoritário militar. Interrogado pelo jornalista anónimo a propósito da presença em Lisboa de um alto dirigente fascista italiano, o imaginário interlocutor teceu duras considerações sobre o fascismo, acusando Mussolini de loucura e de traição à missão civilizadora e universalista de Itália. Pessoa colocou, de facto, as suas próprias ideias sobre esses e outros temas na boca do seu personagem Angioletti. O diário *Sol* deixou de se publicar poucos dias depois da entrevista.

Keywords

Fernando Pessoa, Military Dictatorship, Benito Mussolini, Fascism, Giovanni B. Angioletti, Celestino Soares, *Sol* daily newspaper, Paulo Osório, Philéas Lebesgue, António Ferro

Abstract

The author reveals an unknown writing by Fernando Pessoa, an interview with an imaginary Italian intellectual and antifascist, Giovanni B. Angioletti, who had allegedly took refuge in Portugal during the 1920s. The homonymous intellectual who in those years really lived in Italy does not correspond to the description of the supposedly interviewed person. The unsigned interview was published in the recently established Lisbon daily newspaper *Sol* in November 1926, six months after the establishment of an authoritarian military regime in Portugal. Asked by the anonymous reporter about a high ranking Italian fascist then staying in Lisbon, the imaginary interlocutor made some severe remarks about fascism, accusing Mussolini of madness and of having betrayed Italy's civilizational and universalist mission. In fact, Pessoa put his own ideas about those and other matters in the mouth of his character Angioletti. A few days after the interview, the newspaper *Sol* stopped its publication.

* Instituto de Ciências Sociais — Universidade de Lisboa (ICS-UL).

Em 20 de Novembro de 1926, quase seis meses depois da instauração da Ditadura Militar, o diário lisboeta *Sol*, dirigido por Celestino Soares, publicou na primeira página um artigo não assinado intitulado “O ‘Duce’ Mussolini é um louco... afirma-o ao *Sol* um italiano culto que ama sinceramente a Itália”, contendo uma entrevista com um italiano de nome Giovanni B. Angioletti. Este era identificado como um elemento da “parte não oficial (chamemos-lhe assim) da colónia italiana”, sugerindo tratar-se de um exilado, que “há anos” residiria em Portugal. O entrevistado era descrito como um intelectual de relevo, “bem conhecido colaborador do *Mercure de France*”. Mas o que chamaria mais a atenção do leitor era o facto de o entrevistado ser também rotulado como um dos “inimigos de mais estatura” do regime fascista. Na entrevista propriamente dita, o italiano radicado em Portugal descrevia Mussolini como um “louco paranóico”, um “primitivo cerebral” que traía a missão civilizadora e universalista de Itália, guiado apenas pelo “ideal morto” da “grandeza nacional”. Quanto ao fascismo, seria um caso de “loucura contagiosa” e era comparado à “loucura dançante da Idade Média” (um célebre caso de loucura colectiva em 1518, na cidade de Estrasburgo). No prólogo da entrevista, o repórter do *Sol* elogiava a inteligência e lucidez do entrevistado. Dois dias depois, a 22 de Novembro, o *Sol* publicou novo artigo de primeira página, intitulado “Fascistas italianos em Lisboa”, relatando reacções à entrevista por parte da imprensa portuguesa e do cônsul italiano em Lisboa, o qual declarara ao *Diário de Notícias* que o nome do entrevistado do *Sol* não constava dos registos do consulado. O articulista do *Sol* transcrevia, em seguida, uma carta entretanto enviada ao jornal, datável da véspera e assinada por “G. B. Angioletti”. Nesta, o italiano confirmava plenamente o teor das suas anteriores declarações, mas negava ser um colaborador do *Mercure de France*, alertando para o facto de poder existir em Itália um outro Angioletti, eventualmente colaborador daquela revista literária francesa, o que talvez tivesse originado a confusão do *Sol*. Acrescentava o autor da carta não desejar expor esse hipotético homónimo a “represálias criminais” e “violências sinistras” por parte das autoridades fascistas italianas. O redactor do *Sol*, porém, reafirmava o que dissera: o entrevistado “denominou-se Giovanni B. Angioletti” e “inculcou-se colaborador do *Mercure de France*.” Sobre a declaração do cônsul italiano, o autor da carta deixava entender que o seu nome não constaria dos registos consulares porque era um exilado.

Como tentaremos demonstrar, estamos perante uma ficção da autoria de Fernando Pessoa que, segundo todos os indícios, não só forjou a entrevista com um imaginário personagem denominado Giovanni B. Angioletti, como redigiu posteriormente o texto da carta que este teria enviado ao jornal *Sol*. Foi plausivelmente Pessoa o redactor de ambos os artigos do jornal, contando eventualmente no segundo deles com a colaboração (e, nos dois, com a cumplicidade) do director do jornal, Celestino Soares. Aparentemente, esta ficção

terá servido a Pessoa para exprimir as suas próprias ideias sobre Mussolini, o fascismo e outros temas, atribuindo-as a um hipotético grande intelectual italiano (“uma das maiores figuras de Itália”) perseguido por Mussolini e residente em Portugal. Não era a primeira vez nem a última que Pessoa assumia uma identidade fictícia e escrevia um texto de conteúdo igualmente ficcional. Também não seria a última vez que Pessoa redigia integralmente uma entrevista, com as perguntas, as respostas e os comentários do entrevistador. Veja-se o caso da entrevista que Fernando Pessoa deu ao semanário *Girasol* em Dezembro de 1930, “which I myself wrote out in full”, segundo afirmou a Aleister Crowley, em carta de 13 de Fevereiro de 1931 (BNP/E3, 289^r). No caso da entrevista do *Sol*, o obstáculo da censura à imprensa instaurada meses antes pela Ditadura Militar, a aposta no sensacionalismo da entrevista com uma grande figura italiana, o desejo de anonimato de Pessoa e o seu iniludível gosto pela provocação, senão mesmo pela *blague*, tê-lo-ão feito optar por uma ficção. Adiante se fará referência a outras possíveis motivações do autor neste caso.

Começando pela questão da identidade do suposto entrevistado, o nome correspondente à inicial B. de “Giovanni B. Angioletti” nunca foi revelado pelo jornal *Sol*. Acontece, porém, que vivia então em Itália um escritor e jornalista de nome Giovanni Battista Angioletti (Milão 1896-Nápoles 1961), colaborador desde o primeiro número da revista *La Fiera Letteraria*, fundada em Milão em 1925, e seu futuro co-director (com Curzio Malaparte, então ainda não desligado do fascismo), tendo a revista, publicada em Roma a partir de 1928, mudado de nome em 1929 para *L'Italia Letteraria*. Giovanni Battista Angioletti tinha começado por ser jornalista do órgão do partido fascista da cidade de Piacenza, *La Scure*, de que chegou a ser co-director em 1923. Residiu depois em Milão e Roma até 1932, abandonando nesse ano a direcção da revista *L'Italia Letteraria* e deixando, só então, o seu país, mas para ir dirigir em Praga o Istituto di Cultura Italiana. Deixou este cargo em 1935, continuando até ao fim do regime fascista a trabalhar no estrangeiro como professor, mas sempre a colaborar na imprensa italiana. Estes dados biográficos são, por múltiplas razões, incompatíveis com a descrição que o redactor-entrevistador do jornal *Sol* fez do seu entrevistado, que alegadamente se encontrava “há anos” refugiado em Portugal. Vivendo sempre em Itália até 1932, o verdadeiro Giovanni Battista Angioletti não se destacou nem nesse período, nem depois, por quaisquer posições públicas antifascistas. Se as tivesse tomado, não poderia ter sido co-director (1928-1932) de uma importante revista literária, e muito menos nomeado director, em 1932, de um instituto cultural do Estado italiano no estrangeiro. O verdadeiro Angioletti poderia, eventualmente, ter passado por Lisboa em 1926, mas não é de todo crível que, identificando-se com o nome real, tivesse dado uma entrevista daquele teor, pois que, regressando a Itália, seria fatalmente alvo de duras retaliações. Note-se que um dos objectivos declarados da carta posteriormente enviada ao *Sol* pelo suposto Angioletti exilado

em Lisboa era, justamente, prevenir que o verdadeiro Angioletti que vivia em Itália (de cuja existência Pessoa certamente sabia) fosse alvo da tortura do “óleo de rícino” e das “violências sinistras” dos fascistas.

Passemos às provas, a nosso ver decisivas, existentes no espólio de Fernando Pessoa. O enigmático nome “G. B. Angioletti” tinha já sido detectado por Jerónimo Pizarro em dois escritos do espólio pessoano, dos quais deu conta em António Botto, *Canções* (edição, prefácio e notas de Jerónimo Pizarro e Nuno Ribeiro, Lisboa: Guimarães, 2010), reproduzindo e transcrevendo um deles (pp. 165-169). No primeiro (BNP/E3, 189, ver aqui Apêndice, imagem 1), um rascunho da conhecida “Tábua Bibliográfica” que a revista *Presença* publicaria, sem nomeação do autor, em 1928, Pessoa acrescentou à mão, no final dessa lista de obras suas publicadas até 1926, o misterioso nome “G. B. Angioletti”, sem mais detalhes (tal referência não aparece, contudo, na “Tábua Bibliográfica” publicada pela *Presença*). Este rascunho indica, pois, que Pessoa associava uma sua *publicação* àquele nome italiano. O segundo escrito referenciado por Jerónimo Pizarro (BNP/E3, 114¹-4 a 5, ver aqui Apêndice, imagens 2 e 3) é a cópia dactilografada de uma carta assinada “G. B. Angioletti” a um jornal português não nomeado, redigida em francês e seguidamente traduzida para português. Sabemos agora que se trata exactamente da carta que foi publicada, nas duas línguas, pelo jornal *Sol* na edição de 22 de Novembro de 1926. Este segundo documento do espólio liga, pois, directamente Pessoa ao episódio da entrevista e da carta ao *Sol*. Note-se que não é uma mera *tradução* da carta, pois inclui um parágrafo inicial de apresentação aos leitores do diário, bem como o original da carta em francês. Para além destes dois testemunhos do espólio, já bastante elucidativos, Jerónimo Pizarro chamou-nos recentemente a atenção para um terceiro documento, inédito, do espólio de Fernando Pessoa (BNP/E3, 169, ver aqui Apêndice, imagem 4), o projecto de uma colectânea sua, intitulada *Episódios*, em cujo sumário Pessoa incluía uma misteriosa “Entrevista publicada em SOL” (a palavra *com* foi riscada a seguir a *Entrevista*). Não era, até agora, conhecida qualquer entrevista *dada* pelo próprio Pessoa a esse jornal. O exame aturado da colecção completa do *Sol* na Biblioteca Nacional veio confirmar essa inexistência, mas permitiu-nos descobrir a entrevista publicada pelo jornal com um enigmático, mas para nós já algo familiar, “Giovanni B. Angioletti”. Este terceiro documento reforça decisivamente a convicção de que a entrevista com o hipotético Angioletti é da autoria de Fernando Pessoa, que não só a juntou à referida bibliografia (datável de 1928), como também a projectava incluir na dita recolha de textos já publicados, sob o título *Episódios*, que reuniria estudos, prefácios, críticas, entrevistas e outros escritos da sua autoria, mas elaborados por “solicitação externa”, conforme o autor explica numa outra nota (BNP/E3, 14⁴-38, cuja indicação igualmente aqui se agradece a Jerónimo Pizarro). O projecto de colectânea é datável dos anos 30, pois já incluía os prefácios para os livros *Acronios*, de L. P. Moitinho de Almeida (1931) e *Alma Errante*, de Eliezer Kamenetzky (1932).

Por fim, a análise do conteúdo da suposta entrevista de Giovanni B. Angioletti permitiu afastar a possibilidade de o texto publicado no *Sol* ter constituído uma entrevista real com qualquer outro personagem, italiano ou não, residente ou de passagem por Lisboa. Com efeito, as ideias expressas pelo imaginário entrevistado coincidem flagrantemente com o pensamento coevo de Pessoa, nomeadamente sobre o fascismo, a Itália, a sua história e o seu papel cultural e civilizacional na Europa e no mundo. Por exemplo, o conceito de “Império, no sentido mais alto do termo”, como “um foco de expansão de ideias e de melhorias que beneficiem todo o mundo”, em confronto com o “conceito bárbaro e primitivo” da nação ou Estado que existe “simplesmente para criar e manter a sua própria grandeza” – são ideias expressas pelo entrevistado que são caracteristicamente pessoanas, expostas por Pessoa naquele mesmo período em diversos escritos políticos, sociológicos ou proféticos, nomeadamente em textos sobre o “Quinto Império” e, em especial, na sua resposta ao inquérito “Portugal, Vasto Império”, publicada meses antes deste episódio no *Jornal do Comércio e das Colónias* (28 de Maio e 5 de Junho de 1926). Por outro lado, a convicção expressa pelo hipotético entrevistado de que o mundo seria dirigido por ocultas “forças especiais” remete-nos de imediato para os escritos coevos de Pessoa sobre os “300”. Igualmente nos remete para os escritos de Pessoa sobre génio e loucura a análise que o suposto Angioletti faz da loucura e do génio de Mussolini – e fá-lo reclamando-se de conhecimentos psiquiátricos que Pessoa realmente tinha. Tudo visto e considerado, o personagem Angioletti parece-nos, pois, configurar uma nova máscara ou desdobramento de personalidade de Fernando Pessoa.

Oito dias antes de o *Sol* publicar a sua entrevista com o “antifascista” Angioletti, um facto sucedeu que visivelmente contribuiu com vários elementos para que Pessoa ficcionasse a sua peça. Na primeira página do *Diário de Notícias* de 12 de Novembro de 1926, o correspondente parisiense Jorge Guerner – pseudónimo do jornalista e escritor Paulo Osório (1882-1965), que residia em França desde 1911 e era adido de imprensa na embaixada portuguesa – publicou uma “Carta de Paris”, datada de 6 de Novembro e intitulada “As declarações de um anti-fascista”. Nela, Guerner dava conta de uma conversa havida na capital francesa com um “italiano anti-fascista”, de que não revelava o nome por uma alegada questão de segurança. O anónimo traçara a Guerner um quadro bastante negro da repressão em Itália, evocando as perseguições odiosas contra qualquer pessoa que esboçasse uma crítica, mesmo que benigna, da situação política, relatando o facto de os fascistas terem elaborado uma lista secreta de adversários do regime, que pagariam com a vida qualquer atentado que vitimasse o Duce. O anónimo alertara, ao mesmo tempo, para o facto de que a supressão pessoal de Mussolini não interessava, naquele momento, nem à Itália nem à França: “Suprimir hoje Mussolini seria criar na Itália uma situação mil vezes mais terrível que a actual” e “se amanhã um doido matasse Mussolini, seria na Itália toda uma nova S.

Barthélemy". O antifascista anónimo, desenvolvendo uma curiosa argumentação quase apologética de Mussolini, apontara o perigo de, em caso de morte do Duce ou de revolução, estalar uma guerra civil às portas da França, com a consequente anarquia generalizada em Itália, um país ainda recentemente reunificado. No fascismo italiano, supostamente dilacerado por facções e rivalidades internas, Mussolini seria, segundo o antifascista anónimo, "o elemento moderador, o único homem de Estado". Chegara paradoxalmente a dizer: "Mussolini é, no fascismo, o menor dos males...". Note-se que o correspondente Jorge Guerner, aliás Paulo Osório, era bem conhecido de Pessoa, que lhe escrevera dois anos antes, em 15 de Novembro de 1924, para lhe agradecer as referências elogiosas que em *Les Annales* ele fizera à *Athena* (revista de arte e literatura de Fernando Pessoa e Ruy Vaz, lançada em Outubro daquele ano) e que foram reproduzidas depois pelo *Diário de Notícias*. Pessoa prontificava-se a enviar para Paris os exemplares de *Athena* que Osório pedisse. Curiosamente, Pessoa dizia também, respondendo a uma sugestão de Osório de inserir na revista portuguesa uma crónica de Paris, que a *Athena* não procurava (ainda) ser uma revista do tipo de *Mercure de France* (F. Pessoa, 1999, 56-58). Em relação com a *Mercure de France* há que dizer também que o assíduo colaborador desta, Philéas Lebesgue, que em França divulgava há anos a literatura contemporânea portuguesa, era um velho amigo de Paulo Osório, de quem traduzira para francês a *História d'um Morto* (*L'Histoire d'un mort*, Paris: E. Sansot, 1904). Grande erudito, bom conhecedor do português e de Portugal bem como de outros países europeus, Lebesgue era, porém, um crítico conservador, o que o fazia taxar os principais romances de Eça de Queirós de "obra perigosa, por causa do espírito demolidor que a anima", acusando-o ainda de barbarizar a língua e de rebaixar Portugal (Lebesgue, 1926, 477). No *Mercure*, Lebesgue não fez em 1924-1926 qualquer referência à *Athena*, embora esta tivesse durado apenas cinco meses, mas enaltecia ali a obra de Afonso Lopes Vieira, António Correia d'Oliveira, Teixeira de Pascoaes, António Ferro e uma série de nomes menores das letras portuguesas. Num rascunho de carta (não enviada) a Teixeira de Pascoaes datável da década de 10 (BNP/E3, 14D-8, que Jerónimo Pizarro gentilmente nos assinalou), Pessoa censura-lhe a sua generosidade crítica para com alguns autores, entre eles Lebesgue: "E o que a sua amizade e patriotismo grato tem dito de Philéas Lebesgue?" Note-se, a encerrar este assunto, que é difícil imaginar o que terá levado Pessoa a distribuir ao seu imaginário Angioletti o papel de colaborador do *Mercure de France*, já que o verdadeiro Angioletti nunca lá tinha colaborado, tanto quanto pudemos apurar. Em anos sucessivos da revista francesa, na década de 20, não se descortina, aliás, um único nome de colaborador italiano. Sabemos, porém, que o verdadeiro G. B. Angioletti foi colaborador, precisamente a partir de Junho de 1926, da revista literária inglesa *The Criterion*, dirigida por T. S. Eliot, na qual publicou anualmente, até 1933, uma "Italian Chronicle" (Fortunato, 2004, 12 e segs). Terá sido na *Criterion* que Pessoa descobriu o nome de Angioletti?

No momento preciso escolhido pelo jornal *Sol* para publicar a entrevista com um suposto intelectual antifascista exilado em Portugal, há que registar várias outras circunstâncias que lhe conferiam singular oportunidade. Acima de tudo, a presença em Portugal de um alto dirigente fascista italiano, o coronel Ezio Maria Gray, que chegara alguns dias antes à capital portuguesa para fundar o *fascio* da colónia italiana de Lisboa, acontecimento largamente noticiado pelo *Diário de Notícias* (vd. adiante as nossas notas aos textos publicados no *Sol*). O título do artigo do *Sol* de 22 de Novembro, “Fascistas em Lisboa”, aludia justamente a essa presença, que círculos oposicionistas viram como uma tentativa de ingerência na política interna portuguesa. Por outro lado, o *Diário de Notícias*, jornal plenamente sintonizado com a Ditadura Militar, começou a publicar em Novembro de 1926 uma série de entrevistas realizadas nesse mês pelo seu repórter António Ferro, primeiro em França (com o fascista francês Georges Valois e o antifascista italiano Luigi Campolonghi), e depois com um conjunto de personalidades da Itália fascista, incluindo Mussolini (que Ferro entrevistara pela primeira vez em 1923), o ministro das Colónias Luigi Federzoni e o ministro da Justiça Alfredo Rocco. Algumas dessas entrevistas de Novembro de 1926 seriam reeditadas pelo autor em *Viagem à Volta das Ditaduras* (Ferro, 1927). O jornalista António Ferro, ao contrário do jornal *Sol* e de Fernando Pessoa, era então um entusiasta do fascismo e de Mussolini. Refira-se, num parêntese, que por volta de 1925-1926 Pessoa escreveu uma crítica arrasadora, que não chegaria a publicar, ao livro de contos de Ferro *A Amadora dos Fenómenos* (Ferro, 1925), obra que qualificou de “abjecta”, sugerindo mesmo ao seu autor a possibilidade de internamento psiquiátrico por imbecilidade (BNP/E3, 14²-94^r, texto revelado por Pauly Ellen Bothe em Fernando Pessoa, *Apreciações Literárias*, no prelo). Esta opinião, possivelmente sincera, mas algo exagerada e demasiado veemente na sua expressão, é reveladora da antipatia, por vezes incontida, que Pessoa nutria então por Ferro, o antigo amigo do tempo do *Orpheu*, com quem manteria de 1915 até ao fim da vida um relacionamento distante, ainda que cortês (Barreto, 2010).

O diário *Sol*, dirigido por Celestino Soares, publicou-se entre 30 de Outubro e 1 de Dezembro de 1926, ou seja, durante 33 dias (as colecções do diário *Sol* de 1926 na BNP e na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra cobrem exactamente esse período). O *Sol* era um jornal de tendência republicana e antifascista, que se publicou no ambiente político hostil da Ditadura Militar, instaurada em 28 de Maio do mesmo ano, e sujeito ao regime de censura prévia à imprensa recentemente instaurado. O diário *Sol* sucedera a um “bissemanário republicano” do mesmo nome, também dirigido por Celestino Soares, que se publicou entre Julho e Agosto de 1926 (seis números), em “edição da grande revista *Contemporânea*”, e do qual Augusto Ferreira Gomes, íntimo de Pessoa, foi secretário de redacção a partir do n.º 3. Desde o seu lançamento, em 30 de Outubro, que o diário *Sol* foi atacado pela imprensa apoiante da Ditadura, nomeadamente

monárquica, mas nada fazia prever o seu desaparecimento súbito no começo de Dezembro. O último número do jornal, saído no dia 1.º de Dezembro, apenas anunciava que no dia seguinte o jornal não se publicaria por motivo do feriado. Nada conseguimos apurar ao certo sobre a causa directa da extinção do jornal *Sol*, mas a proximidade de publicação da entrevista “O ‘Duce’ Mussolini é um louco...” e do artigo “Fascistas italianos em Lisboa” e o facto da chegada a Lisboa, em 22 de Novembro, do novo ministro de Itália (até então representada por um encarregado de negócios) permite pensar que o desaparecimento do *Sol* pode ter tido a ver com a indignação da colónia italiana, do cônsul e do ministro de Itália pelo teor das afirmações sobre a “loucura paranóica” de Mussolini. A 2 de Dezembro, dia em que o *Sol* não se publicava em razão do feriado da véspera, o novo ministro de Itália, Carlo Galli, apresentou credenciais ao chefe de Estado português. No dia seguinte, 3 de Dezembro, o *Sol* deveria ter sido publicado, mas não o foi – nem nesse dia, nem nunca mais. Terá o *Sol* sido assunto de conversa entre Galli e o general Carmona? De qualquer modo, as autoridades da Ditadura Militar franziem o sobrolho ao jornal desde o seu aparecimento. A propósito, o n.º 6 do bissemanário *Sol*, de 4 de Agosto desse ano, incluía um artigo contra a censura à imprensa. Coincidência ou não, foi o seu último número.

O director de ambas as versões do *Sol*, Celestino Soares (1898-?) era um jornalista, escritor, diplomata (em 1922 era adido à legação de Portugal em Washington) e empresário. Na revista *Contemporânea* publicou vários textos: “A Universidade Nova” (n.º 5, Novembro de 1922) e dois artigos sobre as relações ibero-americanas (n.ºs 1 e 2 da 3.ª série, Maio e Junho de 1926). No n.º 9 da *Contemporânea* (Março de 1923) era anunciado para breve “um grande magazine semanal sob a direcção de Celestino Soares”, que não chegou a ver a luz do dia. Com José Pacheco, Leitão de Barros e outros, Celestino Soares esteve envolvido na questão da Sociedade Nacional de Belas Artes, ocorrida em 1921, a propósito da qual escreveu “O Triunfo dos Novos” (*Contemporânea* - 1.º Suplemento, Março de 1925). Em 28 de Maio de 1926, quando foi instaurada a Ditadura Militar, Celestino Soares, membro do Partido Republicano Português, exercia desde Fevereiro as funções de governador civil de Portalegre. Em 1946 e 1947, Celestino Soares participará destacadamente em duas tentativas de derrubar o regime de Salazar (o golpe da Mealhada, em 10 de Outubro de 1946, e a “Abrilada”, de 10 de Abril de 1947), tendo sido condenado a pena de prisão.

Celestino Soares, além de se relacionar, entre outros, com José Pacheco, Almada Negreiros e Augusto Ferreira Gomes, era também das relações de Fernando Pessoa, tendo sido por este listado, por volta de 1921, como possível subscritor do capital da Olisipo, juntamente com um quase homónimo, José Celestino Soares (144G-42^v). No espólio de Pessoa, os dados de nascimento de Celestino Soares, certamente para fins astrológicos, encontraram-se em 90⁴-76^r, um cartão-de-visita pessoal, e 90⁶-64^r, um cartão-de-visita de *A Emprêza do Teatro Nôvo*

(o “Teatro Novo” foi uma iniciativa de António Ferro e José Pacheco em 1925). Dois horóscopos de Celestino Soares encontram-se (sem nome, mas com a data e a hora identificadoras) em 90⁶-46, aparentemente elaborados em 27 de Agosto de 1926. Anotações a lápis no fundo da página, registam a data do seu casamento (29 de Outubro de 1921) e do nascimento de três filhos entre 1923 e 1926. Nas mesmas anotações, o período de 22 de Março a 15 de Agosto de 1919 tem a menção de “Prisão”.

Fernando Pessoa publicou em 1926, tanto no bissemanário como no diário *Sol*, diversas colaborações assinadas: no n.º 6 e último do bissemanário *Sol* (4 de Agosto), o artigo “Organizar”, não assinado, mas reproduzido da *Revista de Comércio e Contabilidade*, e ainda, possivelmente, o texto também não assinado da p. 2, intitulado “Senhores reformadores! O individuo é que é gente”, um texto caracteristicamente pessoano tanto na forma como no conteúdo (ver aqui Apêndice, imagens 5 e 6); no n.º 1 do diário *Sol* (30 de Outubro), Pessoa assinou o artigo “Um grande português”, com a sua versão da história do *conto do vigário*; no n.º 12 (10 de Novembro), o poema “Gazetilha”, de Álvaro de Campos (vd. neste número de *Pessoa Plural* a apresentação por Jerónimo Pizarro das publicações deste poema); no n.º 15 (13 de Novembro), o poema “Anti-Gazetilha”. Não foi possível encontrar, nem no bissemanário nem no diário *Sol*, o texto “Uma das palavras que mais maltratadas têm sido...”, que Clara Rocha (1996, 528) afirmou ter sido publicado no quarto número do “*Sol* (bi-semanário republicano)”. O diário *Sol* publicou também, com tradução de Fernando Pessoa, o folhetim policial “O Caso da 5.^a Avenida”, de Anna Katharine Green (*The Leavenworth Case*, 1878), interrompido no 28.º fascículo por o jornal ter deixado de se publicar. O último número distribuído do jornal, alusivo ao 1.º de Dezembro, rematava o título principal da primeira página com uma citação do “Mar Português” de Fernando Pessoa: “E outra vez conquistemos a Distancia – // Do Mar, ou outra, mas que seja nossa...”.

Transcrevem-se abaixo os dois artigos publicados pelo diário *Sol*, seguidos das respectivas imagens. A transcrição é acompanhada de algumas notas contextuais alfabéticas, reunidas no final. Em apêndice, por fim, reproduzem-se imagens dos textos do espólio pessoano aqui referidos e do bissemanário *Sol*.

Renove-se aqui um agradecimento pela preciosa colaboração prestada a este trabalho por Jerónimo Pizarro, que foi também o primeiro a assinalar o nome de Angioletti no espólio pessoano e a abrir, assim, esta pista de investigação. Um agradecimento também a Steffen Dix, pela sua informação sobre a carta de Fernando Pessoa a Aleister Crowley e a entrevista do primeiro ao semanário *Girasol*.

Textos publicados no jornal Sol

I. *Sol*, n.º 22, de 20 de Novembro de 1926, pp. 1-2 (não assinado):

UM “CAMISA BRANCA”**O “Duce” Mussolini é um louco...**

afirma-o ao “SOL” um italiano culto que ama sinceramente a Italia

A vinda do coronel Gray ^a, delegado fascista, a Portugal, e os reparos, de varia ordem, que essa vinda levantou, levaram-nos a investigar se haveria em Lisboa, entre a parte extra-oficial (chamemos-lhe assim) da colonia italiana, algum representante dos principios contrarios com autoridade moral, e, sobretudo, relevo intelectual, para nos dizer sobre o fascismo duas palavras dignas de imprimir.

Aquele caso propicio que está sempre, devemos crê-lo, á espreita das pessoas bem intencionadas, trouxe inesperadamente ao nosso conhecimento a existencia insuspeita, nesta capital atlantica, de uma das maiores figuras da Italia, e um dos inimigos de mais estatura das teorias e da pratica (as teorias são varias e a pratica uma) do regime do Fascio, o sr. Giovanni B. Angioletti, o bem conhecido colaborador do «*Mercure de France*» ^b e que ha anos habita entre nós.

Conseguimos que nos levassem á sua presença, e pudemos trocar com ele as palavras precisas para reconhecer, primeiro, que estavamos diante de uma das inteligencias mais lucidas e mais precisas que nos tem sido dado encontrar; segundo, que era esse, em verdade, o homem que procuravamos.

Mal fizemos a pergunta. Não poderemos dizer ao certo se chegámos a pronunciar o nome do coronel Gray. A resposta surgiu, mais em relação com o muito que pensavamos que com o pouco que chegámos a dizer.

Os italianos não são ridiculos...^c

Nós, os italianos, temos – permita-me que o diga – grandes qualidades, mas o sentimento do ridiculo não se incluye entre elas, nem nenhum dos numerosos amigos, que a Italia tem sempre tido no estrangeiro, alguma vez nos atribuiu um humorismo de inglez ou uma graça de francez. Isto lhe explica, sem mais nada, missões como esta, que o paranoico genial que hoje impera atravez de escravos audaciosos, na minha pobre Patria, arremessa, para uso de caricaturistas sem assunto, sobre um mundo que, devo dizer-lhe, o admira por o que conhece dele, e porque não o conhece a ele, nem á Italia.

– V. Ex.^a disse «o paranoico genial»?

– Sim – genial como paranoico. Isso não exclui que se lhe possa chamar um grande homem. A toda a gente que se destaca do rebanho humano se pode chamar grande, por isso mesmo que se destacou... Mussolini é um louco – desafio qualquer psiquiatra a negá-lo – mas a loucura, como muita gente não sabe, é contagiosa em muitas das suas formas, e é-o precisamente naquelas formas que mais perigo pode haver em se contagiar. O fascismo é um caso como o da loucura durante da Idade Média, que atacou colectividades. No meu livro... – aqui o nosso entrevistado equilibrou, rápida, uma hesitação, e, ocultando o título da sua obra, reatou: – no meu próximo livro, eu explicarei...

E aqui pairou outra vez um pequeno silêncio...

O pior mal do fascismo...

O anti-fascista continuou, respondendo, com uma intuição quase de bruxedo, a qualquer coisa que não havíamos perguntado:

– Tem-se dito muito contra o fascismo. Mas o que se tem dito contra o fascismo é o que de menos importante se pode dizer contra ele. Violências? É o que há de menos importância real no fascismo. Todos os partidos esforçadamente políticos as exercem desde que as circunstâncias sociais lhes garantam a facilidade de as exercer e a impunidade depois de as ter exercido. Não: as violências do fascismo não têm importância verdadeira. Iguais violências, ou quase iguais, praticaram os seus adversários; iguais violências, se não maiores, praticariam amanhã, se o Destino os bafejasse com a ilusão chamada poder. O que há de verdadeiramente grave no fascismo não está nas suas violências...

– Compreendo. Está nas suas doutrinas?...

– Não, não está nas suas doutrinas. Está, essencialmente, na sua exaltação da Itália.

– ?

– Não me compreendeu? Eu não esperava que me compreendesse... Eu lhe explico, sem lhe tomar muito tempo; e, se quere saber o pior contra o regime fascista, vai agora ouvir o pior.

Da Renascença para cá o conceito das funções externas do Estado evoluiu, e essa evolução é o fenómeno mais caracteristicamente determinante da evolução geral da humanidade. A Renascença, ao mesmo tempo que fechou a Idade Média, sintetizou a sua experiência; e o nosso sublime Dante é o exemplo disso em carne, osso e alma... Ora na Renascença, como na Idade Média, o conceito do Estado, bárbaro e primitivo, era de que o Estado, ou a Nação, existia simplesmente para criar e manter a sua própria grandeza. O progresso humano – pense-se¹ o que se quizer dele – destruiu este preconceito provinciano. Chegámos hoje a um novo conceito de Estado. Nenhuma nação tem direito a existir se não contribui qualquer

¹ No original: *pensa-se*.

coisa para o progresso geral da humanidade, se não é um Imperio no sentido mais alto do termo – um foco de expansão de ideias e de melhorias que beneficiem todo o mundo. É este o destino que a Renascença talhou para a Italia – a Italia martir, dividida, mas grande. A Italia unificada tem falhado a esta missão. Podemos até pensar que a unificação foi um erro... Que tem a Italia unificada dado ao mundo? Nada. O que deu ao mundo a Italia dividida? Tudo. Ora o mal do fascismo é que é a ultima consequencia da Italia unificada.^d Mussolini é, como todos os loucos, um primitivo cerebral. Reverte, por instinto nervoso, aos conceitos já extintos na humanidade civilizada. Não consegue elevar-se acima do ideal morto da «grandeza nacional». A Italia para ele é tudo, mas como Italia só, e não como mestra e aperfeiçoadora do mundo. Mussolini traiu a Italia, e com isso traiu a civilização, porque a Italia e a civilização são sinónimos...

...O Mundo é dirigido por forças especiaes...

Qualquer coisa no tom do nosso entrevistado – uma hesitação subtil, uma vaga indecisão – prende-nos de repente. E de repente perguntámos:

– Mas Mussolini será tão louco como isso? Mussolini fará isso tudo por engano, inconscientemente?

Pela face do anti-fascista passa qualquer coisa que foi quasi um sorriso. Passa... e fica uma expressão que é mais de preocupação que de tristeza. Ergue um pouco a cabeça, que descaíra, e diz:

– *O mundo é dirigido por forças especiais – muito especiais mesmo* – de que o fascismo é apenas uma manifestação particular.^e Entre o que se passa hoje na China e o que se passa hoje na Italia ha uma relação íntima, que, no fundo, e nos elementos verdadeiramente dirigentes – não me refiro agora ao pobre Duce – é perfeitamente consciente. Peço a sua atenção para o que lhe estou dizendo, e a sua recordação, de aqui a dez anos, de que hoje lho disse... V. é novo; não poderá deixar de ser vivo nessa altura.

– Não percebo...

O antifascista abriu uma gaveta, tirou de lá uma pasta, e, de entre os papeis que nela estavam, escolheu um recorte de jornal. Logo á primeira vista nos pareceu que era dum jornal português. Á segunda vista vimos que efectivamente era. O recorte era de *A Informação*, jornal do sr. Homem Cristo Filho, da secção intitulada *Ecos*, e é, textualmente, assim:

O grande livro de Mussolini

A «Entente Internationale contre la 3.^{eme} Internationale», prestimosa organização anti-bolchevista, expediu agora, do seu Secretariado Espanhol – Calle de Gaztambyde, 29, Madrid – a curiosissima nota de que damos em seguida uma tradução rigorosamente literal:

«Está despertando uma grande curiosidade, na intimidade dos círculos diplomaticos europeus o livro que, a par das suas memorias, se diz estar escrevendo o sr. Benito Mussolini, primeiro ministro da Italia, como uma nova «Monita Secreta» para os sub-chefes do movimento fascista. Intitula-se esse livro, segundo as melhores informações, «O Futuro da Anarquia», e destina-se, ao que por elas consta, a provar que o Grande Ditador italiano não pretende, no fundo, senão criar uma sociedade nova em moldes que diferem dos sovieticos apenas em dois pontos: 1.º, aquilo a que ele chama a «temporalidade do principio autoritario», que consiste em criar autoridade em qualquer coisa ficticia, para assim destacar a autoridade do organismo social; e 2.º, o que ele designa «a dissociação do elemento coercitivo», isto é, a criação duma «força publica» distinta do exercito e da armada, de modo a estabelecer, segundo as palavras textuais, «uma dualidade na essencia coerciva do Estado». Estes espantosos e novissimos principios, que, mesmo enunciados assim em resumo, mostram a altura e a originalidade do altissimo espirito do «Duce», são, ao que parece, os que têm norteado seguramente a notabilissima politica do maior chefe do nosso tempo. Pergunta-se apenas se não seria mais conveniente, e mais util para todos, que o sr. Mussolini, em vez de conservar quasi secretos estes principios, os publicasse francamente, abrindo assim uma nova era na politica europeia, já tão cansada de formulas e de falsas interpretações.»^f

Uma noticia que não foi desmentida...

– Mas, perguntámos nós, o que quer isto dizer? Esta noticia foi desmentida?

O anti-fascista encolheu os ombros.

– Não foi, nem poderia ser, desmentida. E não foi desmentida precisamente porque o não poderia ser...

– Mas V. Ex.^a diz que Mussolini...

– Faça de conta que eu não disse nada... Ou melhor, faça de conta que lhe disse apenas aquilo que lhe vou repetir: O mundo é dirigido por forças especiais, de que o fascismo é apenas uma manifestação particular.

– E a Italia?

– A Italia é eterna. É a mãe sublime das artes e a fecundadora das ciencias. O seu esforço arrancou a Europa da baixeza de si mesma e ungiu-a com o oleo sacro que dá o conhecimento da beleza e a luxuria da compreensão. A Italia está acima dos Cesares que saem das alfurjas, dos Gracos de pifaro e tambor... A Italia foi grande, e a Italia tornará a ser grande... Deixe acabar o intervalo...

SOL

Director: CELESTINO SOARES

SABADO, 20 DE NOVEMBRO DE 1926

EDITOR—E
Redacção, Ad. 5

UM "CAMISA BRANCA"

O "Duce" Mussolini é um louco...

afirma-o ao "SOL" um italiano culto que ama sinceramente a Italia

A vinda do coronel Gray, delegado fascista, a Portugal, e os reparos, de varia ordem, que essa vinda levantou, levaram-nos a investigar se haveria em Lisboa, entre a parte extra-oficial (chamemos-lhe assim) da colonia italiana, algum representante dos princípios contrários com autoridade moral, e, sobretudo, relevo intelectual, para nós dizer sobre o fascismo, duas palavras dignas de imprimi.

Aquele caso propicio que está sempre, devemos crê-lo, á espreita das pessoas bem intencionadas, trouxe inesperadamente ao nosso conhecimento a existencia inuspeita, nesta capital atlantica, de uma das maiores figuras da Italia, e um dos inimigos de mais estatura das teorias e da pratica (as teorias são varias e a pratica uma) do regime do Fascio, o sr. Giovanni B. Angioletti, o bem conhecido colaborador do «Mercure de France» e que ha anos habita entre nós.

Conseguimos que nos levassem á sua presença, e pudemos trocar com ele as palavras precisas para reconhecer, primeiro, que estavamos diante de uma das inteligencias mais lucidas e mais preciosas que nos tem sido dado encontrar: segundo, que era esse, em verdade, o homem que procuravamos.

Mal fizemos a pergunta. Não poderemos dizer ao certo se chegámos a pronunciar o nome do coronel Gray. A resposta surgiu, mais em relação com o muito que pensavamos que com o pouco que chegámos a dizer.

Os italianos não são ridículos...

Nós, os Italianos, temos—permita-me que o diga—grandes qualidades, mas o sentimento do ridículo não se inclue entre elas, nem nenhum dos numerosos amigos, que a Italia tem sempre tido no estrangeiro, alguma vez nos atribuiu um humorismo de inglês ou uma graça de francez. Isto lhe explica, sem mais nada, missões como esta, que o paranoico genial que hoje impera, através de escravos audaciosos, na minha pobre Patria, arremonessa, para uso de caricaturistas sem assunto, sobre um mundo que, devo dizer-lhe, o admira por o que conhece dele, e porque não o conhece a ele, nem a Italia.

—V. Ex.^a disse «o paranoico genial»?

—Sim—genial como paranoico.

Isso não exclue que se lhe possa chamar um grande homem. A toda a gente que se destaca do rebanho humano se pode chamar grande, porisso mesmo que se destacou... Mussolini é um louco—desafio qualquer psiquiatra a negá-lo—mas a loucura, como muita gente não sabe, é contagiosa em muitas das suas formas, e éo precisamente naquelas formas que mais perigo pode haver em se contagiar. O fascismo é um caso como o da loucura dançante da Idade Media, que atacou colectividades. No meu livro...

—aqui o nosso entrevistado equilibrado, rápida, uma hesitação, e, ocultando o titulo da sua obra, reatou:—no meu proximo livro, eu explicarei...

E aqui pairou outra vez um pequeno silencio...

O peor mal do fascismo...

O anti-fascista continuou, respondendo, com uma intuição quasi de bruxedo, a qualquer coisa que não havíamos perguntado:

—Tem-se dito muito contra o fascismo. Mas o que se tem dito contra o fascismo é o que de menos importante se pode dizer contra ele. Violencia? E' o que ha de menos importancia real no fascismo. Todos os partidos esforçadamente politicos as exercem desde que as circunstancias sociais lhes garantam a facilidade de as exercer e a impunidad depois de as ter exercido. Não: as violencias do fascismo não tem importancia verdadeira. Iguais violencias, ou quasi iguais, praticaram os seus adversarios: iguais violencias, se não maiores, praticariam amanhã, se o Destino se bafejasse com a ilusão chamada poder. O que ha de verdadeiramente grave no fascismo não está nas suas violencias...

—Compreendo. Está nas suas doutrinas?

—Não, não está nas suas doutrinas. Está, essencialmente, na sua exaltação da Italia.

—Não me compreendeu? Eu não esperava que me compreendesse... Eu lhe explico, sem lhe tomar muito tempo: e, se quere saber o pior contra o regime fascista, vai agora ouvir o pior.

«Da Renascença para cá o conceito das funções externas do Estado evoluiu, e essa evolução é o fenómeno mais caracteristicamente determinante da evolução geral da humanidade. A Renascença, ao mesmo tempo que fechou a Idade Media, sintetizou a sua experiencia; e o nosso sublime Dante é o exemplo disso em carne, osso e alma... Ora na Renascença, como na Idade Media, o conceito do Estado, barbaro e primitivo, era de que o Estado, ou a Nação, existia simplesmente para criar e manter a sua propria grandeza. O progresso humano—pensa-se o que se quizer dele—destruiu este preconceito provinciano. Chegámos hoje a um novo conceito do Estado. Nenhuma nação tem direito a existir se não contribui qualquer coisa para o progresso geral da humanidade; se não é um Imperio no sentido mais alto do termo—um foco de expansão de ideias e de melhorias que beneficiem todo o mundo. E' este o destino que a Renascença talhou para a Italia—a Italia maritima, dividida, mas grande. A Italia unificada tem falhado a esta missão. Podemos até pensar que a unificação foi um erro... Que tem a Italia unificada dado ao mundo? Nada. O que deu ao mundo a Italia dividida? Tudo. Ora o mal do fascismo é que é a ultima consequencia da Italia unificada. Mussolini é, como todos os loucos, um primitivo cerebral. Reverte, por insulto nervoso, aos conceitos já extintos na humanidade civilizada. Não consegue elevar-se acima do ideal morto da «grandeza nacional». A Italia para ele é tudo, mas como Italia so, e não como mestra e interelocadora do mundo. Mussolini train a Italia, e com isso train a civilização, porque a Italia e a civilização são sinonimos...

...O Mundo é dirigido por forças especiaes...

Qualquer coisa no tom do nosso entrevistado—uma hesitação subtil, uma vaga indecisão—prendemos de repente. E de repente perguntámos:

(Continua na 2.^a pagina)

ASTROLOGIA E GRAFOLOGIA

Por falta de espaço não publicamos hoje as respostas ás consultas referentes a esta secção.

Sol, 20 de Novembro de 1926, p.1

A LOUCURA DE MUSSOLINI

(Continuação da 1.ª página)

—Mas Mussolini será tão louco como isso? Mussolini fará isso tudo por engano, inconscientemente?

Pela face do anti-fascista passa qualquer coisa que foi quasi um sorriso. Passa... e fica uma expressão que é mais de preocupação que de tristeza. Ergue um pouco a cabeça, que descaira, e diz:

—O mundo é dirigido por forças especiais—muito especiais mesmo—de que o fascismo é apenas uma manifestação particular. Entre o que se passa hoje na China e o que se passa hoje na Italia ha uma relação intima, que, no fundo, e nos elementos verdadeiramente dirigentes—não me refiro agora ao pobre Duce—é perfeitamente consciente. Peça a sua atenção para o que lhe estou dizendo, e a sua recordação, de aqui a dez anos, de que hoje lho disse... V. é novo; não poderá deixar de ser vivo nessa altura.

—Não percebo...

O anti-fascista abriu uma gaveta, tirou de lá uma pasta, e, de entre os papéis que nela estavam, escolheu um recorte de jornal. Logo á primeira vista nos pareceu que era de um jornal português. A' segunda vista vimos que efectivamente era. O recorte era de *A Informação*, jornal do sr. Homem Cristo Filho, da secção intitulada *Ecos*, e é, textualmente, assim:

O grande livro de Mussolini

A «Entente Internationale contre la 3.^{ème} Internationale», prestimosa organização anti-bolchevista, expediu agora, do seu Secretariado Espanhol — Calle de Gaztambyde, 29, Madrid—a curiosissima nota de que damos em seguida uma tradução rigorosamente literal:

«Está despertando uma grande curiosidade, na intimidade dos circulos diplomaticos europeus o livro que, a par das suas memorias, se diz estar escrevendo o sr. Benito Mussolini, primeiro ministro da Italia, como uma nova especie de «Monita Secreta» para os sub-chefes do movimento fascista. Intitula-se esse livro, segundo as melhores informações, «O Futuro da Anarquia», e destina-se, ao que por elas consta, a provar que o Grande Ditador italiano não pretende, no fundo, senão criar uma sociedade nova em moldes que diferem dos sovieticos apenas

em dois pontos: 1.º, aquilo a que ele chama a «temporalidade do principio autoritario», que consiste em criar autoridade em qualquer coisa ficticia, para assim destacar a autoridade do organismo social; e 2.º, o que ele designa «a dissociação do elemento coercitivo», isto é, a criação duma «força publica» distinta do exercito e da armada, de modo a estabelecer, segundo as palavras textuais, «uma dualidade na essencia coerciva do Estado». Estes espantosos e novissimos principios, que, mesmo enunciados assim em resumo, mostram a altura e a originalidade do altissimo espirito do «Duce», são, ao que parece, os que têm norteado seguramente a notabilissima politica do maior chefe do nosso tempo. Pergunta-se apenas se não seria mais conveniente, e mais util para todos, que o sr. Mussolini, em vez de conservar quasi secretos estes principios, os publicasse francamente, abrindo assim uma nova era na politica europeia, já tão cansada de formulas e de falsas interpretações.»

Uma noticia que não foi desmentida...

—Mas, perguntámos nós, o que quere isto dizer? Esta noticia foi desmentida?

O anti-fascista encolheu os hombros.

—Não foi, nem poderia ser, desmentida. E não foi desmentida precisamente porque o não poderia ser...

—Mas V. Ex.^a diz que Mussolini...

—Faça de conta que eu não disse nada... Ou, melhor, faça de conta que lhe disse apenas aquilo que lhe vou repetir: O mundo é dirigido por forças especiais, de que o fascismo é apenas uma manifestação particular.

—E a Italia?

—A Italia é eterna. E' a mãe sublime das artes e a fecundadora das sciencias. O seu esforço arrancou a Europa da baixeza de si mesma e ungiu-a com o oleo sacro que dá o conhecimento da beleza e a luxuria da compreensão. A Italia está acima dos Cesares que saem das alfurjas, dos Gracos de pifaro e tambor... A Italia foi grande, e a Italia tornará a ser grande... Deixe acabar o intervalo...

Sol, 20 de Novembro de 1926, p.2

II. *Sol*, n.º 24, de 22 de Novembro de 1926, p. 1 (não assinado):

A LOUCURA DO “DUCE”

Fascistas italianos em Lisboa

Um desmentido no ar – Os privilégios de certa
Imprensa – De noite todas as camisas... são negras...

Lemos no *Diário de Noticias* de ontem, em 4.^a página, a propósito da saída para Madrid do fascista italiano (sic) Edgio Maria Gray² (oh! o nacionalismo romano dos Grays!...), o seguinte:

Do consulado de Italia em Lisboa escrevem-nos dizendo não existir nos seus registos nenhum italiano com o nome daquele que concedeu uma entrevista a um nosso colega da manhã, sobre fascismo.^g

O «nosso colega» – somos nós. A entrevista intitulava-se *O «Duce» Mussolini é um louco...* O entrevistado denominou-se Giovanni B. Angioletti; inculcou-se colaborador do *Mercure de France*.

Temos uma civilidade tradicional que nunca negou guarida ou réplica a quem a solicitar; temos uma Lei de Imprensa que dá o direito de resposta no próprio local onde o facto contestável se publicou. É isto ignorado no Consulado de Italia? Não teve o sr. consul ainda a oportunidade de conhecer os nossos costumes e as nossas leis?

No Consulado nunca se leu o *Mercure de France*.^h

Não nos compete a nós delatar aos agentes do «fascio» italiano a presença civil dos perseguidos do «Duce». Não será por via do nosso jornal que os «camisas brancas» se macularão de negro nem que o óleo de ricino se ministrará como ridícula arma a adversários que se acolheram á tradicional hospitalidade portuguesa.

Esteve em Lisboa o sr. Gray. Deu-se o estranho facto de vir a Portugal em propaganda da politica interna do seu país e de escolher para local dessa campanha o edificio onde se vai instalar a Legação de Italia.ⁱ

Anunciou-se essa conferencia só para italianos; mas a ela assistiram, reportando o facto, os representantes da imprensa que merecia a confiança ou a consideração dos «camisas negras».

Na entrevista por nós publicada o que valia á contestação do representante italiano não era o nome nem sequer a personalidade do entrevistado. As afirmações subsistem incontestadas e sem discussão.

Movam-se os prélos. Está concedido o direito de resposta.

² O verdadeiro nome do dirigente fascista italiano era Ezio Maria Gray.

Uma Carta do dr. Angioletti

Já depois de composto o artigo acima, recebemos do sr. dr. Giovanni B. Angioletti a seguinte carta, a que damos imediata publicidade, no original e na tradução literal que dela fizémos:

Monsieur: – Revenu d'un de ces petits voyages que j'ai l'habitude de faire au Nord de votre beau pays, ce n'est que ce moment même que je viens de lire l'interview qu'un de vos rédacteurs m'a fait l'honneur de me demander. Je vous remercie vivement, tant des éloges, vraiment excessifs, dont vous avez entouré mon nom encore obscur, que de l'exactitude absolue – verbale même – qui est le trait saillant de la reproduction de ce que je vous ai dit.

Je vous prie, toutefois, de rectifier une petite erreur, dont je ne m'explique pas l'origine. Je n'ai jamais collaboré au Mercure de France ; je le lis même très rarement. Je me hâte de vous signaler cette erreur et de vous en demander la correction, parce qu'il peut se faire qu'il y ait en effet un Angioletti, ou quelque chose de semblable, qui soit collaborateur du Mercure. C'est peut-être là l'origine de la fausse identification qui s'est établie dans l'esprit de votre rédacteur. Et ce serait faire un assez mauvais service à cet homonyme inconnu que de l'exposer – peut-être vit-il en Italie – aux représailles criminelles, aux violences sinistres dont se compose la logique essentielle des serfs du Cesar Borgia.

Je viens de lire aussi, dans un journal qui n'est pas le vôtre, que le Consulat d'Italie a déclaré qu'il ne porte pas mon nom sur ces registres.³ Le Consul dit vrai, mais vous l'aviez déjà dit dans les tous premiers mots de votre article...

Agréez, Monsieur, avec la réitération de mes remerciements, l'assurance de mes sentiments les plus distingués.

(a) G. B. ANGIOLETTI

Eis a tradução :

...Sr. – De regresso de uma daquelas pequenas viagens que tenho por hábito fazer ao Norte do vosso belo país, é só neste momento que acabo de ler a entrevista que um dos vossos redactores me fez a honra de me pedir. Agradeço-lhe calorosamente não só os elogios, em verdade excessivos, com que cercou meu nome ainda obscuro, mas ainda a exactidão absoluta – verbal mesmo – que é o traço saliente da reprodução do que eu vos disse.

Peço-vos, comtudo, que rectifiqueis um pequeno êrro, cuja origem não sei qual fôsse. Nunca colaborei no Mercure de France; raras vezes, mesmo, o leio. Apresso-me, porém,

³ Correctamente, deveria estar escrito, atendendo à tradução: *ses registres*. O jornal reproduz, porém, fielmente o original dactilografado, cuja cópia se encontra no espólio de Pessoa.

em vos indicar este êrro, e em vos pedir que o corrijaís, porque pode dar-se o caso de haver, de facto, um Angioletti, ou qualquer coisa parecida, que seja colaborador do Mercure. Está nisso, talvez, a origem da falsa identificação que se estabeleceu no espirito do vosso redactor. E seria prestar um serviço bastante mau a esse homónimo desconhecido o expô-lo – talvez ele viva em Italia – ás represálias criminaís, ás violencias sinistras, de que se compõe a lógica essencial dos servos do Cesar Borgia.

Acabo de ler também, num jornal que não é o vosso, que o Consulado de Italia declarou que o meu nome não existe nos seus registos. O Consul diz a verdade, mas já V. a havia dito logo nas primeiras palavras do vosso artigo.

Com a reiteração dos meus agradecimentos, aceite a afirmação da minha maior consideração.

(a) G. B. ANGIOLETTI

"SOL" é um jornal independente que mesmo antes de surgir incomodou pela sua liberdade de pensamento e de acção aqueles que a soldo põem suas penas e suas consciências. O publico que o leia e que o julgue.

ANO I - N.º 24 PROPRIEDADE da Empresa Editora do SOL

A LOUCURA DO "DUCE"

Fascistas italianos em Lisboa

Um desmentido no ar — Os privilégios de certa Imprensa — De noite todas as camisas... são negras...

Temos no *Diário de Notícias* de ontem, em 4.ª página, a proposta da saída para Madrid do fascista italiano (sic) Edoardo Maria Gray (ou o nacionalismo romano dos grayst...), o seguinte:

Do consulado de Itália em Lisboa escreveram-nos dizendo não existir nos seus registos nenhum italiano com o nome daquele que concedeu uma entrevista a um nosso colega da manhã, sobre fascismo.

O «nosso colega» — somos nós. A entrevista intitulava-se O «Duce» Mussolini é um louco... O entrevistado denominou-se Giovanni B. Angioletti; inculcou-se colaborador do *Mercurio de France*.

Temos uma civilidade tradicional que nunca negou guardia ou réplica a quem a solicitar; temos uma Lei de Imprensa que dá o direito de resposta no próprio local onde o facto contestável se publicou. E isto ignorado no Consulado de Itália? Não teve o sr. conselul ainda a oportunidade de conhecer os nossos costumes e as nossas leis?

No Consulado nunca se leu o *Mercurio de France*.

Não nos compete a nós delatar aos agentes do «fascio» italiano a presença civil dos perseguidos do «Duce». Não será por via do nosso jornal que os «camisas brancas» se macularem de negro nem que o ódio de ricino se ministrará como rufecula arma a adversários que se atheram à tradicional hospitalidade portuguesa.

Esteve em Lisboa o sr. Gray. Deu-se o estranho facto de vir a Portugal em propaganda da política interna do seu país e de escolher para local dessa campanha o edifício onde se vai instalar a Legação de Itália.

Anunciou-se essa conferência aos jornalistas; mas a ela assistiram, suportando o facto, os representantes da imprensa que merecia a confiança ou a consideração dos «camisas negras».

Na entrevista por nós publicada o que valia a contestação do representante italiano não era o nome bem sequer a personalidade do entrevistado. As afirmações subsistem incontestadas e sem discussão. Movam-se os preços. Está concedido o direito de resposta.

Uma carta do dr. Angioletti

Ja depois de composto o artigo acima, recebemos do sr. Giovanni B. Angioletti a seguinte carta, a que damos imediata publicação, no original e na tradução literal que dele fizemos:

Monsieur: — Revenu d'un de ces petits voyages que j'ai l'habitude de faire au Nord de votre beau pays, je n'est que ce moment même que je viens de lire l'interview qu'un de vos redacteurs m'a fait l'honneur de me demander. Je vous remercie vivement, tant des éloges, vraiment mérités, dont vous avez entouré mon nom encore obscur, que de l'exactitude absolue — verbatim même — qui est le trait saillant de la reproduction de ce que je vous ai dit.

Je vous prie, toutefois, de rectifier une petite erreur, dont je ne m'explique pas l'origine. Je n'ai jamais collaboré au *Mercurio de France*; je le dis à votre très respectueux

Je me hâte de vous signaler cette erreur et de vous en demander la correction, parce qu'il peut se faire qu'il y ait en effet un Angioletti, ou quelque chose de semblable, qui soit collaborateur du *Mercurio*. C'est peut-être là l'origine de la fautive identification qui s'est établie dans l'esprit de votre rédacteur. Et ce serait faire un assez mauvais service à cet homonyme inconnu que de l'exposer — peut-être risqué en Italie — aux représailles criminelles, aux violences sinistres dont se compose la logique essentielle des serfs du César Borgia.

Je viens de lire aussi, dans un journal qui n'est pas le vôtre, que le Consulat d'Italie a déclaré qu'il ne porte pas son nom sur ces répliques. Le Consul dit vrai, mais vous l'avez déjà dit dans les tous premiers mots de votre article.

Agitez, Monsieur, avec la réitération de mes remerciements, l'assurance de mes sentiments les plus distingués.

(a) G. B. ANGIOLETTI

Eis a tradução:

Sr. — De regresso de uma daquelas pequenas viagens que tenho por habito fazer ao Norte do vosso belo país, é só neste momento que acabo de ler a entrevista que um dos vossos redactores me fez a honra de me pedir. Agradeço-lhe calorosamente não só os elogios, em verdade excessivos, com que cercam meu nome ainda obscuro, mas ainda a exactidão absoluta — verbal mesmo — que é o traço saliente da reprodução do que eu vos disse.

Pecorosa, contudo, que rectifiqueis um pequeno erro, cuja origem não sei qual fosse. Nunca colaboro no *Mercurio de France*; raras vezes, mesmo, o feio. Apresse-me, portanto, em vos indicar este erro, e em vos pedir que o corrigis, porque pode dar-se o caso de haver, de facto, um Angioletti, ou qualquer coisa parecida, que seja colaborador do *Mercurio*. Está nisso, talvez, a origem da foute identificação que se estabeleceu no espirito do vosso redactor. E seria prestar um serviço bastante mau a esse homozinho desconhecido o expô-lo — talvez ele viva em Itália — às represálias criminaes, às violencias sinistras, de que se compõe a lógica essencial dos serfs do César Borgia.

Acabo de ler tambem, num jornal que não é o vosso, que o Consulado de Itália declarou que o meu nome não existe nos seus registos. O Consul diz a verdade, mas já v. a havia dito logo nas primeiras palavras do vosso artigo.

Com a reitteração dos meus agradecimentos, aceito a affirmção da minha maior consideração.

(a) G. B. ANGIOLETTI

Assinaturas condicionais

Preço das assinaturas

3 meses.....	27\$000
6 meses.....	54\$000
1 ano.....	108\$000

Pagamento adiantado

A cobrança faz-se no domicílio, caso o assinante não prefira remeter directamente a administração a importância da assinatura em vale do correio.

"Fascistas Italianos em Lisboa", *Sol*, 22 de Novembro de 1926, p.1

Outras notas

^a O coronel Ezio Maria Gray, deputado fascista italiano, membro do directório nacional do partido (1924) e do Grande Conselho do Fascismo (1924-25), deslocou-se a Lisboa em meados de Novembro de 1926 com a incumbência de proceder à criação de um *fascio* local, isto é, um núcleo dos fascistas italianos residentes em Portugal. O *Diário de Notícias* noticiou os passos por ele dados na capital portuguesa, conseguindo entrevistá-lo em 17 de Novembro. A entrevista decorreu, curiosamente, no *foyer* do Teatro Trindade, no intervalo de uma revista da companhia parisiense Ba-Ta-Clan, que se encontrava então em Lisboa, espectáculo que o jornalista descreve como exibindo “girls” bailando “desenfreadamente” (vd. “Vamos ter ‘camisas negras’ em Portugal”, *Diário de Notícias* de 18 de Novembro de 1926, p. 1). No dia 19, o mesmo jornal publicava uma reportagem sobre a sessão de propaganda que o coronel Gray fizera na véspera no Palácio Pombeiro, futuras instalações da legação italiana (vd. “A propaganda política fascista pelo coronel italiano sr. Ezio M. Gray”, *Diário de Notícias* de 19 de Novembro de 1926, p. 1). Nessa sessão de propaganda, a que assistiram numerosos membros da colónia italiana e jornalistas seleccionados da imprensa portuguesa, o coronel Gray tentou tranquilizar o público português dizendo que ninguém se deveria alarmar com a constituição dum ‘fascio’ em Portugal” e prometendo que os fascistas italianos não se imiscuiriam na política interna de Portugal. A 21 de Novembro, o mesmo jornal noticiava (p. 4) a partida de Gray, na véspera, dia 20, para Madrid. A “entrevista” com um antifascista italiano publicada pelo *Sol* no dia 20 enquadra-se obviamente nestes acontecimentos, constituindo uma espécie de réplica às reportagens do *Diário de Notícias* dos dias imediatamente anteriores. Como se conclui do artigo que contém a entrevista com Angioletti, a primeira pergunta do entrevistador seria sobre a presença de Gray em Lisboa, ou seja, era esse o assunto imediato.

^b Em mais de 50 números consultados da revista *Mercure de France* de 1924-1926, não há qualquer colaboração assinada pelo nome Angioletti (a revista está disponível online na biblioteca digital Gallica da BnF). A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa conserva quatro exemplares desta revista francesa, embora de datas muito anteriores: 1911 e 1912. Nos anos 20, a *Mercure de France* publicava regularmente recensões sobre obras literárias de vários países europeus, entre os quais Portugal, neste caso na crónica “Lettres portugaises”, assinada por Philéas Lebesgue. Diga-se que a revista terá tido, ao longo de décadas, raríssimos colaboradores italianos, embora possuísse uma crónica periódica de “Lettres italiennes”, assinada pelo francês Paul Guiton.

^c Este subtítulo não é, certamente, da autoria de Pessoa, pois interpreta mal o texto. Com efeito, o entrevistado não diz que “os italianos não são ridículos”, mas sim que os italianos não tinham “sentimento do ridículo”.

^d Esta tese parece rebater um argumento exposto pelo “antifascista italiano” entrevistado por Jorge Guerner, aliás Paulo Osório, na referida “Carta de Paris”, publicada pelo *Diário de Notícias* de 12 de Novembro. Com efeito, o anónimo italiano ponderava as consequências nefastas que poderiam ter o desaparecimento de Mussolini e uma subsequente guerra civil para a Itália, “uma nação cuja unidade é bem recente e assente em bases que o tempo não consolidou”. Ora o “entrevistado” do *Sol* tinha uma opinião bem diferente sobre os supostos benefícios da unificação italiana.

^e Pessoa, nos seus escritos sobre os “300” – de que Yvette Centeno publicou uma selecção em Fernando Pessoa, “Os Trezentos”, *Revista da Biblioteca Nacional*, s. 2, vol. 3, n.º 3, Setembro-Dezembro de 1988, pp. 25-42 –, refere-se a um grupo internacional de trezentas pessoas poderosas que ocultamente comandaria os destinos da Europa, crença baseada numa frase dita pelo grande industrial e político alemão Walther Rathenau em 1921. Pessoa alude várias vezes, nesses textos, a

uma relação de aliança objectiva dos fascistas e dos bolchevistas com esse grupo. Embora directamente “alheios ao jogo dos Trezentos”, fascistas e comunistas favoreceriam e animariam o seu jogo, mesmo quando pretendiam opor-se-lhes (BNP/E3,53B-57, já citado em Centeno, op. cit., p. 31). Noutro trecho sobre os “300”, Pessoa acrescenta: “O fascismo [...] é a tal ponto semelhante, por um lado, ao bolchevismo, e, por outro lado, ao espírito syndicalista (corporativo lhe chamam os fascistas) que tende para desorganizar e deshellenizar Europa, que se ajusta, nesse sentido, muito mais às próprias ideias exteriores dos Trezentos do que á substancia da civilização europeia. O fascismo é uma reacção excessiva e falsa – faite à souhait para os Trezentos. Como todas as reacções falsas, tem os característicos intimos d’aquillo contra que reage.” (BNP/E3, 53B-66, cit. por Centeno, op. cit., p. 39). Ainda noutro trecho sobre os “300”, fascistas e comunistas (ou anarquistas) são descritos por Pessoa, note-se bem, como “dois bandos de loucos” que aparentemente se digladiavam, mas que na realidade estariam obscuramente combinados para a ruína da civilização: “Uns minam o nacionalismo pelo internacionalismo, outros o minam pelo regionalismo. Uns oppõem ao racionalismo individualista o irracionalismo individualista, ou anarchismo, outros o racionalismo anti-individualista, ou corporativismo (atheu). □ Perdido todo sentimento de harmonia, o europeu não sabe como ha de agir sobre dois bandos de loucos, oppondo-se furiosamente, mas falsamente, e parecendo obscuramente combinados para a ruina da civilização.” (BNP/E3, 53B-67, cit. por Centeno, op. cit., pp. 39-40).

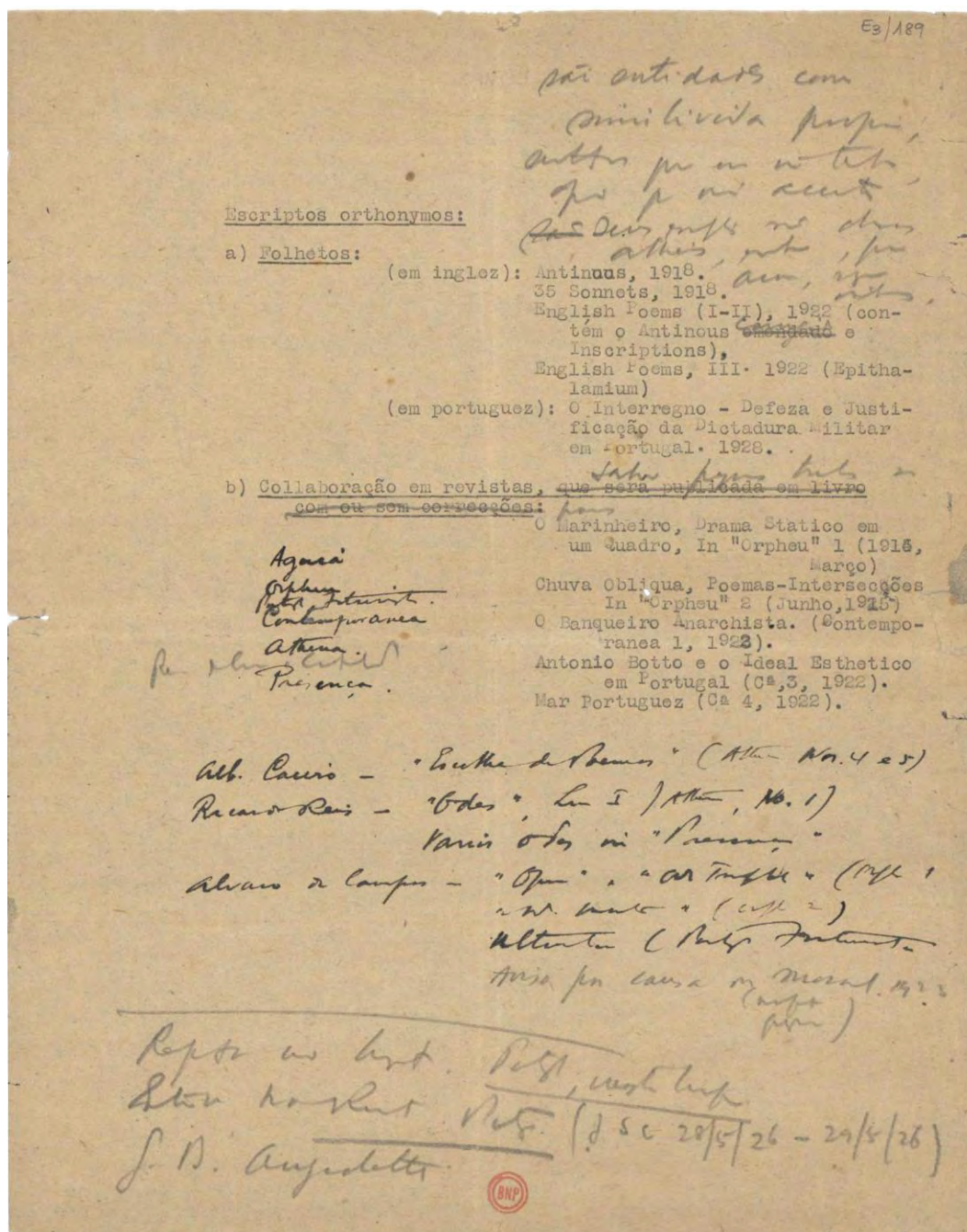
^f Esta notícia, recortada pelo suposto Angioletti do jornal lisboeta *A Informação*, dirigido pelo entusiasta de Mussolini e do fascismo Francisco Homem Cristo Filho, é citada na entrevista como prova da tese (pessoana) das semelhanças do fascismo com o comunismo, de que se falou na nota anterior, a propósito dos “300”.

^g A referida notícia do *Diário de Notícias* de 21 de Novembro intitulava-se “Fascistas italianos em Lisboa”, tal como a do *Sol* no dia seguinte.

^h A afirmação displicente “No Consulado nunca se leu o *Mercure de France*” encerra um bluff extraordinário, pois que se no consulado italiano conhecessem bem a revista, saberiam que nenhum Angioletti era seu colaborador.

ⁱ O edifício onde se iria instalar a legação italiana é o Palácio Pombeiro, onde desde então se localiza a Embaixada de Itália. Até à chegada a Lisboa, no dia 22 de Novembro de 1926, do novo ministro italiano, Carlo Galli, a Itália era representada em Lisboa pelo encarregado de negócios Porta e pelo cônsul Trabucco, daí ter sido este último a ser contactado pelo *Diário de Notícias* quando o *Sol* publicou a entrevista com o suposto Angioletti.

Apêndice



1. Rascunho da "Tábua Bibliográfica" de Fernando Pessoa, contendo na última linha, a lápis, o nome G. B. Angioletti (BNP/E3, 189^r).

11414

Do sr. dr. Giovanni B. Angioletti recebemos a seguinte carta, a que damos imediata publicidade, no original e na tradução literal que dela fizemos:

Monsieur:

Revenu d'un de ces petits voyages que j'ai l'habitude de faire au Nord de votre beau pays, ce n'est que ce moment même que je viens de lire l'interview qu'un de vos rédacteurs m'a fait l'honneur de me demander. Je vous remercie vivement, tant des éloges, vraiment excessifs, dont vous avez entouré mon nom encore obscur, que de l'exactitude absolue - verbale même - qui est le trait saillant de la reproduction de ce que je vous ai dit.

Je vous prie, toutefois, de rectifier une petite erreur, dont je ne m'explique pas l'origine. Je n'ai jamais collaboré au Mercur de France; je le lis même très rarement. Je me hâte de vous signaler cette erreur et de vous en demander la correction, parce qu'il peut se faire qu'il y ait un effet un Angioletti, ou quelque chose de semblable, qui soit ~~un collaborateur~~ collaborateur du Mercur. C'est peut-être là l'origine de la fausse identification qui s'est établie dans l'esprit de votre rédacteur. Et ce serait faire un assez mauvais service à cet homonyme inconnu que de l'exposer - peut-être vit-il en Italie aux représailles ~~criminelles~~ criminelles, aux violences sinistres dont se compose la logique essentielle des serfs du Cesare Borgia des bas-fonds.

Je viens de lire aussi, dans un journal qui n'est pas le vôtre, que le Consulat d'Italie a déclaré qu'il ne porte pas mon nom sur ces registres. Le Consul dit vrai, mais vous l'aviez déjà dit dans les tous premiers mots de votre article...

Agréez, Monsieur, avec la réitération de mes remerciements, l'assurance de mes sentiments les plus distingués.

(a) G. B. Angioletti.

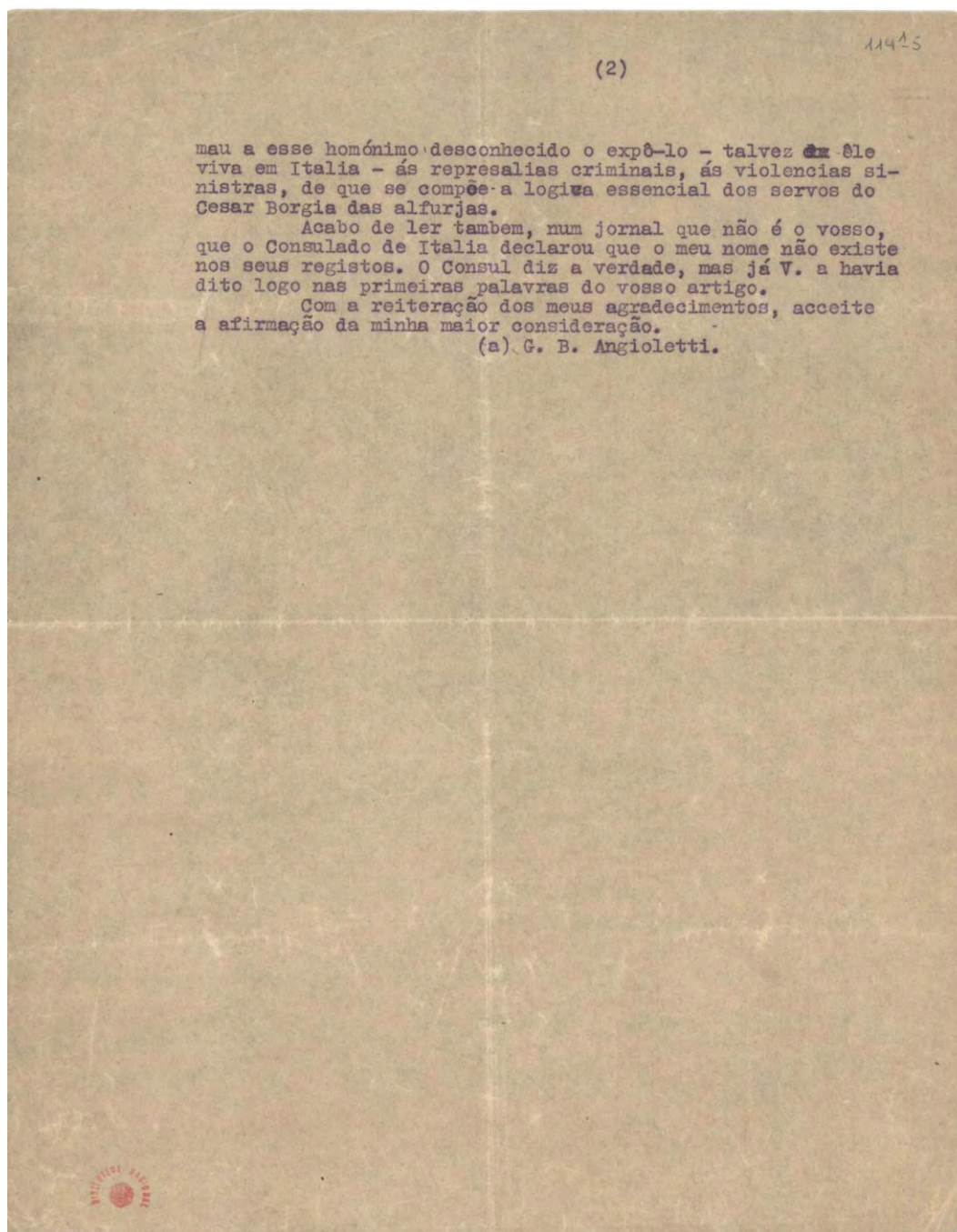
Eis a tradução:

... Sr.

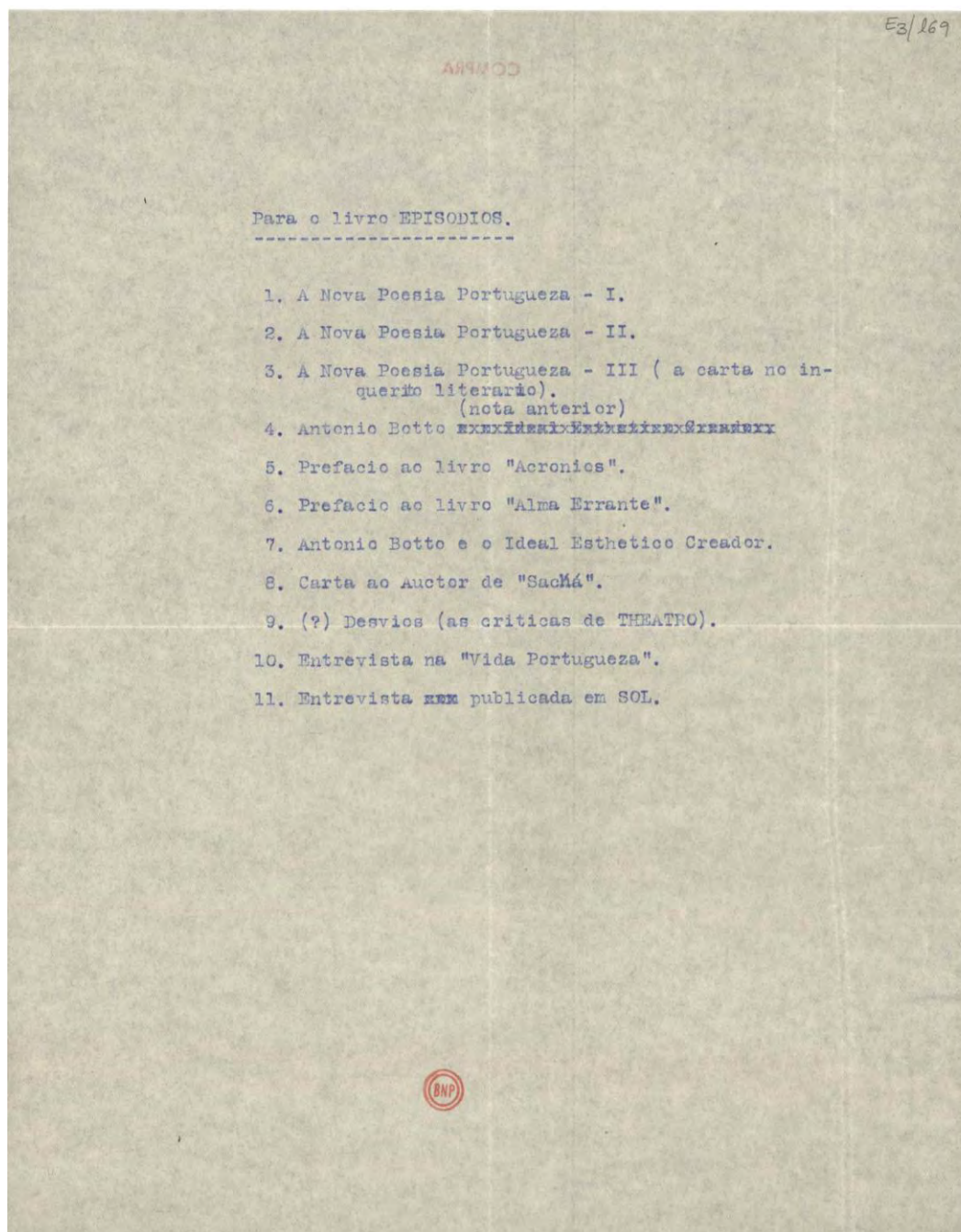
De regresso de uma daquelas pequenas viagens que tenho por habito fazer ao Norte do vosso bello paiz, é só neste momento que acabo de ler a entrevista que um dos vossos redactores me fez a honra de me pedir. Agradeço-lhe ~~seus~~ calorosamente não só os elogios, em verdade excessivos, com que cercou meu nome ainda obscuro, mas ainda a exactidão absoluta - verbal mesmo - que éo traço saliente da reprodução do que eu vos disse.

Peço-vos, contudo, que rectifiqueis um pequeno erro, cuja origem não sei qual fôsse. Nunca colaborei no Mercur de France; raras vezes, mesmo, o leio. Apresso-me, porém, em vos indicar este erro, e em vos pedir que o corrijaes, porque pode dar-se o caso de haver de facto um Angioletti, ~~esta pessoa~~ esta pessoa, coisa parecida, ~~que seria colaborador do Mercur~~ que seria estabelecido no talvez a origem da ~~talha~~ talha ~~colaborador do Mercur~~ colaborador do Mercur, e seria prestar um serviço bastante espirito do vosso redactor. E seria prestar um serviço bastante

2. Cópia da carta de G. B. Angioletti ao jornal *Sol*, p. 1 (BNP/E3, 1141-4r).



3. Cópia da carta de G. B. Angioletti ao jornal *Sol*, p. 2 (BNP/E3, 1141-5r).

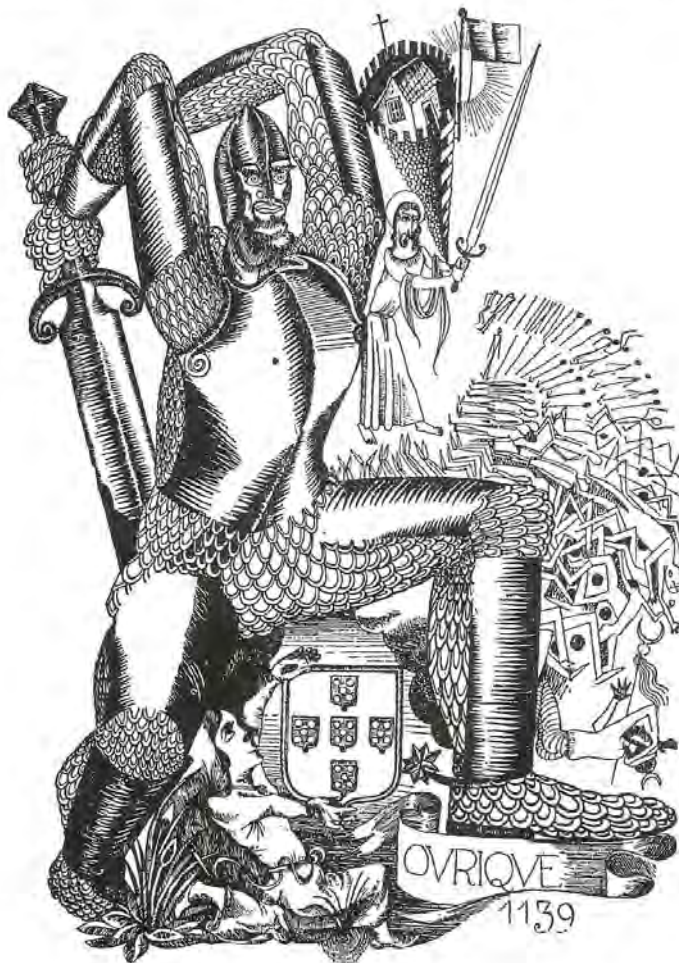


4. Sumário do projectado livro *Episodios*, contendo na última linha a "Entrevista publicada em SOL" (BNP/E3, 169^r).

■ SOL ■

BI-SEMANÁRIO REPUBLICANO
Edição da Grande Revista Mensal CONTEMPORANEA
DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: CELESTINO SOARES
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO e COMPOSIÇÃO: Rua do Mundo, 116, 1.º
IMPRESSÃO: Rua da Rosa, 90 — LISBOA

LISBOA, 4-8-926 ANO I — NÚMERO 6 PREÇO 50 CENTAVOS



5. Capa do n.º 6 e último do bissemanário *Sol*, de 4 de Agosto de 1926, com ilustração de Almada Negreiros.

SENHORES REFORMADORES!**O INDIVIDUO É QUE É GENTE**

Para reformar um paiz o principal é reformar os individuos que compõem esse paiz. De nada serve reformar a administração, as finanças, o magisterio se não se reformam, antes de mais nada, as pessoas que hão de orientar a administração, dirigir as finanças e exercer o magisterio. Toda a reforma é futil se não atinge o individuo, unica verdadeira realidade social. Toda a reforma é inutil se não parte do individuo que atinge. Fortalecer um Estado é crear homens que fortaleçam esse Estado.

6. Página 2 do bissemanário *Sol*, n.º 6, de 4 de Agosto de 1926, contendo um texto não assinado, mas de conteúdo e forma bem pessoanos.

Bibliografia

- BARRETO, José (2010), “Fernando Pessoa e António Ferro: do espírito do *Orpheu* à ‘Política do Espírito’”. Comunicação ao II Congresso Internacional Fernando Pessoa, Casa Fernando Pessoa/Câmara Municipal de Lisboa, 23-25 de Novembro.
- BOTTO, António (2010). *Canções*. Edição, prefácio e notas de Jerónimo Pizarro e Nuno Ribeiro. Lisboa: Guimarães.
- FERRO, António (1927). *Viagem à Volta das Ditaduras*. Lisboa: Empresa do “Diário de Notícias”.
- ____ (1925). *A Amadora dos Fenómenos*. Porto: Civilização.
- FORTUNATO, Andrea (2004). *La letteratura italiana sulle pagine di The Criterion 1922-1939*. Tesi di laurea, Facoltà di Lettere e Filosofia, Università degli Studi di Milano.
- LEBESGUE, Philéas (1926). “Lettres portugaises”, in *Mercure de France*, n.º 680, Paris, 15 de Outubro, pp. 477 e segs.
- PESSOA, Fernando [2012]. *Apreciações Literárias*. Edição de Pauly Ellen Bothe. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (no prelo).
- ____ (1999). *Correspondência 1923-1935*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1988). “Os Trezentos”, apresentação de Yvette Centeno, in *Revista da Biblioteca Nacional*, s. 2, vol. 3, n.º 3, Lisboa, Setembro-Dezembro, pp. 25-42.
- ____ (1928). “Tábua bibliográfica. Fernando Pessoa”, in *Presença*, n.º 17, Janeiro, Coimbra, p. 10.
- ROCHA, Clara (1996). “Fernando Pessoa colaborador de revistas e jornais”, in Fernando Pessoa, *Mensagem – Poemas Esotéricos*. José Augusto Seabra, coordenador. Madrid: ALLCA XX, 2.^a ed., pp. 521 e segs.
- STRAPPINI, Lucia (1988). “Angioletti, Giovanni Battista”, in *Dizionario Biografico degli Italiani*, vol. 34. Acedido em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/giovanni-battista-angioletti_\(Dizionario-Biografico\)](http://www.treccani.it/enciclopedia/giovanni-battista-angioletti_(Dizionario-Biografico))

Outras fontes impressas: jornais e revistas

- Contemporânea* (1922-1926).
- Diário de Notícias* (1926).
- Girasol*, semanário (1930).
- Sol*, diário (1926).
- Sol*, bissemanário (1926).